

I. EDITORIAL

A busca pelo contato com o que se compreendeu como supra-humano ou sagrado é algo que perpassa a trajetória humana, manifestando-se em múltiplas variedades e contextos. Da mesma maneira, variadas são as formas [e f(ô)rmas] (Guarinello, 2003) por meio das quais essas expressões religiosas foram descritas e analisadas por aqueles e aquelas que buscaram compreendê-las em algum sentido, seja contemporânea ou posteriormente. A recente *Virada Material [Material Turn]* identificada por Sonia Hazard (2012) para os campos da História e Ciências Sociais é exemplo disso. A partir da década de 1990, observa-se a reivindicação da centralidade dos objetos e fenômenos materiais nos estudos sobre religião.

Tal movimento faz oposição à concepção ocidental, herdada sobretudo da Reforma Protestante, segundo a qual a religião deveria ser compreendida a partir de suas formas discursivas – tais como doutrinas, escrituras, filosofias, mitologias, folclores, etc. Assim, os artefatos, as práticas, os espaços, os corpos, as sensações e os afetos ganham destaque sob a justificativa de que, como afirmou Julian Droogan em *Religion, Material Culture and Archaeology* (2013, p. 3), “a religiosidade humana raramente é separada do ambiente material pelo qual é expressa, e conceber a cultura material e a cultura religiosa como esferas opostas ou mutuamente excludentes é limitar nosso entendimento de ambos os campos.”

Na área da Arqueologia, por sua vez, a consolidação da Arqueologia da Religião na década de 1990 também alargou as fronteiras do campo, conforme também expuseram Rubina Raja e Jörg Rüpke em *Archaeology of Religion, Material Religion and the Ancient World*, por meio da validação da possibilidade de “os dados arqueológicos serem usados para reconstruir rituais e indagações sobre ideologias ou sistemas de crenças subjacentes à ação social” (2015, p. 2). Permitiu-se, assim, não apenas maior acesso às fontes materiais do passado, mas que igualmente fossem desenvolvidos trabalhos importantes sobre a materialidade da religião.

Como consequência desses movimentos, testemunham-se nos últimos anos abordagens interdisciplinares sobre os valores simbólicos da cultura material religiosa, de sua genealogia, de suas variáveis fenomenológicas, de seu aspecto de “religião vivida”, da possibilidade de agência de seus objetos, bem como o desenvolvimento do chamado *Novo Materialismo*. Todas essas abordagens, em alguma medida, são parte da área

transdisciplinar de investigação da *Religião Material* [*Material Religion*], campo que reflete a crescente adesão à *virada material* por parte dos pesquisadores das religiões e religiosidades.

Especialmente a partir da fundação do *Religion Material Journal*, em 2005, abriu-se um espaço internacional de debate e a possibilidade de exploração das inúmeras variáveis da materialidade da religião: suas imagens, seus objetos devocionais e litúrgicos, seus espaços sagrados, sua arte e artefatos, sua arquitetura e, da mesma forma, suas indumentárias, ídolos, relíquias, iconografias, santuários, paisagens, instrumentos ritualísticos, dentre outros. Os exemplos são muitos, como muitas são também as possibilidades abertas aos estudiosos das religiões da Antiguidade.

No Brasil, a comprovação da última afirmação encontra-se no fato de o presente volume ser composto por contribuições variadas e de grande qualidade, advindas das mais diversas universidades do país, tais como UFRN, IFGoiano/UFG, UFES, UFOP, FURB, UFBA/UNEB, UFMG, UNIRIO e USP. Mediante a resposta tão positiva do cenário nacional de pesquisas, o dossiê que se apresenta é o primeiro de dois volumes da Revista *Mare Nostrum* que contarão com a temática da *Religião, Religiosidade e Cultura Material no Mundo Antigo*.

O Vol. 11, n. 2, 2020, é composto pela seção “Dossiê”, formada por oito artigos, os quais estão divididos tematicamente – Egito, Grécia, Roma e Bizâncio – e apresentam-se em ordem cronológica dentro de seus respectivos eixos temáticos. Em seguida, a seção de “Artigos” conta com uma contribuição de tema livre. Posteriormente, uma tradução inédita de fonte histórica inaugura a seção “Documentos” da Revista *Mare Nostrum*. Por fim, duas resenhas críticas fecham o volume.

Na abertura do dossiê *Religião, Religiosidade e Cultura Material no Mundo Antigo*, Rafael dos Santos Pires (USP) apresenta-nos a inter-relação existente entre materialidade da religião e política na Antiguidade, especialmente na história do Egito Antigo. Em *Deus, Pai, Intermediário: a Função de Amon no Discurso de Hatshepsut*, o autor investiga como o aspecto religioso, personificado na divindade Amon, esteve diretamente envolvido nos contornos políticos da construção social de poder da faraó Hatshepsut durante o Reino Novo inicial (c. 1479-1458 AEC). Para tanto, primeiramente considera as especificidades da tradição egípcia em sacralizar imagens e textos, tanto quanto de concebê-los não como representação, mas como as divindades *per se*. Em seguida, parte da análise iconográfica e de conteúdo presentes no texto hieroglífico e nas

demais imagens localizadas no templo mortuário de Deir el-Bahari, na parte ocidental de Tebas, para interpretar as implicações da concepção religiosa egípcia de mundo na consolidação de seu discurso sobre o Estado. Dessa maneira, Rafael Pires aborda a importância das construções, destruições e dos aspectos imagéticos da materialidade da religião na cultura egípcia para explorar também, no contexto destacado, outras esferas de interpretação.

Em seguida, Márcia Severina Vasques (UFRN) discute a importância da materialidade vinculada a aspectos de legitimação e deslegitimação do domínio romano sobre o Egito no contexto subsequente à Batalha de Ácio. Em *Propaganda e Resistência no Egito Romano: a Estela de Cornélio Galo*, a autora analisa as principais implicações simbólicas, políticas e religiosas envolvidas na confecção e na destruição da estela localizada no templo de Ísis, em Philae, financiada por Cornélio Galo – o primeiro *praefectus* do Egito e Alexandria. São apresentadas ao leitor ricas descrições imagéticas e interpretações dos textos hieróglifo, grego e latino presentes na estela, os quais evidenciam tanto o projeto político de Galo em fazer-se representar como um governante poderoso – equiparado a Augusto –, quanto a postura dos egípcios de resistência a domínios estrangeiros. Ressaltando os atributos religiosos da figura do faraó como mantenedor de *Maat*, tanto quanto os aspectos mágicos tradicionalmente envolvidos nas representações imagéticas e na escrita da tradição egípcia, a autora demonstra, em um primeiro momento, como a confecção e a colocação estratégica da estela buscaram exaltar o papel de Galo/Augusto como dominador e pacificador do Egito e, em um segundo momento, como a destruição proposital do artefato pode ser interpretada como um movimento duplo de *damnatio memoriae* por parte dos egípcios e de autores clássicos, como Dião Cássio.

No terceiro artigo com temática egípcia, destaca-se o aspecto da materialidade da religião advinda dos medos e inseguranças da vida cotidiana refletidos na confecção de objetos de pequeno porte, os quais guardavam em si atributos de proteção. Dessa forma, Hariadne da Penha Soares (UFES) explora a importância da análise das gemas mágicas como fontes primárias de pesquisa para a compreensão das práticas mágico-religiosas no Egito romano durante o período tardo-antigo. No artigo *As propriedades Apotropaicas das Gemas Mágicas no Egito Tardio, segundo os “Papiros Gregos Mágicos” (Séc. III-IV D.C.)*, a autora dedica-se a apresentar as definições, contextos de produção, funcionalidades possíveis e tipologias das gemas mágicas utilizadas como amuletos de proteção no período. Além da exposição e análise iconográfica de cinco exemplos

distintos, Hariadne Soares aborda também os escritos prescritivos para a confecção de amuletos apotropaicos presentes nos *Papiros Gregos Mágicos* e, por fim, realiza a comparação entre prescrições e artefatos apontando as possibilidades e limitações das interpretações que visem diferentes níveis de identificação direta entre ambos.

Posteriormente, Lilian de Angelo Laky (USP) traz para o debate a importância dos estudos sobre os santuários na Grécia Antiga. Em *A Arqueologia de dois Santuários de Zeus Dicteu: o caso de Palaikastro e de Praisos da Idade do Ferro até a Época Helenística*, a autora realiza uma análise minuciosa das fontes arqueológicas, principalmente das oferendas votivas, aliada à comparação com fontes textuais (Estrabão, Apolodoro, Diodoro da Sicília, etc), para demonstrar o papel social de dois santuários cretenses dedicados a Zeus Dicteu, o de Palaikastro e o de Praisos. Para tanto, Lilian Laky descreve-os tendo em vista suas localizações geográficas, suas atividades culturais, suas documentações arqueológicas, textuais e epigráficas disponíveis, bem como as diferentes fases de suas (re)construções e cultos, com a finalidade de argumentar a favor da importância de ambos na criação e reforço de uma identidade comum à porção leste da ilha de Creta associada à tradição religiosa local de Zeus Dicteu.

Luis Henrique Carminati (UFOP) dá início aos artigos do dossiê dedicados à história romana. Em *A Comunicação através das Cunhagens: a Monumentalização da Religiosidade*, o autor apresenta-nos a discussão da materialidade da religião presente nas moedas antigas e sua relação com a construção de diferentes discursos políticos. Para isso, utiliza a análise imagética da tradição numismática como chave de leitura para o entendimento das disputas políticas romanas envolvendo o aspecto da memória no contexto da República por meio da mobilização de elementos iconográficos religiosos. O autor analisa oito tipos monetários e as variadas divindades, símbolos e rituais religiosos neles representados, evidenciando como as moedas foram utilizadas para monumentalizar, comunicar e difundir ideias, memórias e exemplaridades, as quais visavam, por fim, construir e consolidar redes de identificação entre as *gentes* romanas do período republicano.

Em seguida, Macsuelber de Cássio Barros da Cunha (IF Goiano/UFG) discorre sobre a importância dos templos no programa político do início do Principado (Séc. I AEC - I EC), o qual foi baseado na ideia de retomada das tradições religiosa e moral romanas. Em *A Construção de Templos: a Arquitetura Religiosa do Período Augustano*, o autor analisa como Augusto, impulsionado pelo discurso de restauração da *res publica*, dedicou-se durante seu governo à construção, reforma, engrandecimento e

embelezamento de diversos templos. Da mesma forma, aborda quais foram as principais implicações arquitetônicas, paisagísticas, políticas e religiosas trazidas à cidade de Roma em decorrência desse programa sistemático de construções. Utilizando como fontes primárias de análise o *De Architectura* (27 AEC), de Vitruvius, as *Res Gestae* (Séc. I EC), de Augusto, e a iconografia de uma moeda do período (RIC I 66), Macsuelber Cunha traz à discussão a importância da materialidade da religião como chave interpretativa de um contexto político importante da história romana por meio da comparação estabelecida entre fontes materiais, iconográficas e textuais.

Dando sequência aos artigos referentes ao período augustano, em *Desfazendo o Consenso: Lógica Subalterna nos Altares dos Lares Augusti*, Giovanni Pando Bueno (USP) apresenta-nos as análises iconográficas dos altares *Belvedere* e do *vicus Aesculeti* (2 EC), a partir dos quais investiga a agência histórica dos *magistri* no contexto destacado (Séc. I AEC - I EC). O autor investiga as imagens presentes em tais altares e nelas interpreta dados significativos, como a representação reduzida, ou ausente, dos senhores em detrimento da presença marcada de símbolos cujas significâncias atribuíam destaque e exaltação pública aos agentes locais. Por tratar-se de um culto permitido pela ordem hegemônica, mas não controlado por ela, Giovanni Bueno propõe a interpretação da mobilização dessas imagens e da materialidade dos altares dos *Lares Augusti* como espaço possível de ação cotidiana de libertos e escravos, os quais praticavam-no com certa autonomia e como forma de expressão de identidades, reivindicações e de busca por agências que superassem suas condições sociais de subalternidade.

No artigo que fecha o dossiê, Stephanie Martins de Sousa (UFOP) retoma as análises imagéticas da tradição numismática como uma ferramenta interpretativa possível para o entendimento dos contextos políticos e religiosos, bem como suas respectivas representações. Em *As Várias Faces do Imperador: uma Análise da Representação de Justiniano nas Cunhagens e na Crônica de João Malalas*, a autora realiza um estudo sobre as representações do imperador Justiniano I nos artefatos monetários e na obra *Crônica*, de João Malalas (Séc. VI EC). Por meio da análise comparativa das fontes numismáticas e textuais, evidencia que as ambivalências de um contexto marcado por conquistas e tensões políticas também podem ser atestadas nas fontes contemporâneas de diferentes naturezas. Para isso, apresenta-nos a análise iconográfica presente nas moedas cunhadas no período, as quais veiculavam a imagem oficial pretendida: a de um imperador cristão, defensor da ortodoxia e que, por meio de suas conquistas militares, unificou o império em torno da fé cristã. Em seguida, analisa os atributos de Justiniano I

presentes na obra *Crônica*, de João Malalas, demonstrando que nesta a imagem construída é a de um imperador teólogo, menos bélico, construtor de edificações cristãs e organizador das leis romanas. Observa-se, desse modo, como o aspecto da materialidade, circulação e oficialidade das moedas cunhadas sob Justiniano I, tanto quanto a representação do governante nas fontes textuais, oferecem aos interessados a oportunidade de comparar perspectivas distintas e contemporâneas sobre um mesmo agente histórico.

A seção de “Artigos” de temas livres é composta pela contribuição *Cinema e História Antiga: uma Análise dos Druidas da série Britannia*, escrita por Dominique Santos (FURB), Jéssica Frazão (USP) e Vitor Moretto Koch (ETEVI/FURB). O texto apresenta uma reflexão sobre o debate envolvendo a relação entre História e Cinema/Televisão/Séries de TV, bem como suas especificidades de produção e finalidades interpretativas. A partir do conceito de *fantasia histórica* e da metodologia de análise fílmica, os autores apresentam uma investigação de fontes históricas aliada à análise cinematográfica, com especial enfoque na representação dos druidas durante o contexto de invasão romana da Bretanha, a qual é apresentada na série anglo-estadunidense *Britannia* (2018), produzida por Jez Butterworth, Tom Butterworth e James Richardson. Analisando as implicações sociopolíticas contemporâneas na representação cinematográfica tal qual realizada, os autores ressaltam que os estereótipos animais, exóticos e, no limite, bárbaros atribuídos aos celtas podem ser interpretados como um movimento de rebaixamento da *celtidade*. Rebaixamento este que, em um jogo de opostos, pode ser entendido como uma busca da Inglaterra por identificar-se aos elementos de civilidade romana paralelamente apresentados na série. Segundo os argumentos dos autores, o movimento identificado encontra sentido se analisado à luz da saída do Reino Unido da União Europeia (*Brexit*), processo contemporâneo à produção de *Britannia*.

Posteriormente, o texto *A Criminosa História de Roma sem a letra ‘L’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: Tradução do Livro XI do Lipograma de De aetatibus mundi et hominis* inaugura a seção “Documentos” da Revista *Mare Nostrum*. Nele, Cristóvão dos Santos Júnior (UFBA/UNEB) apresenta-nos a tradução inédita em língua portuguesa sob a forma de lipograma do Livro XI de *Da aetatibus mundi et hominis*, atribuído a Fulgêncio, o Mitógrafo (Séc. V/VI EC). Para tanto, o autor oferece ao leitor uma apresentação geral do contexto de escrita da fonte, seguida pelo texto original estabelecido pelo latinista Rudolf Helm e, por fim, a tradução proposta. Tradução esta a

qual mantém a supressão de vocábulos que apresentem a letra “l”, tal como apresentado na versão em latim.

O presente volume encerra-se com a apresentação de duas resenhas. A primeira, escrita por Igor B. Cardoso (UFMG) e intitulada *A perenidade de Gilgámesh*, refere-se à obra *Sin-Léqi-Unninni. Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgámesh. Tradução do acádio, introdução e comentários por Jacyntho Lins Brandão*, publicada em 2017. Por sua vez, a segunda intitula-se *Novas abordagens sobre o surgimento da consciência histórica: os clássicos e sua verdadeira relação com o tempo, o anacronismo e a diferença histórica*. Tal resenha foi produzida por Matheus Vargas de Sousa (UNIRIO) e refere-se à obra *Anachronism and Antiquity*, publicada em 2020 e escrita por Tim Rood, Carol Atack e Tom Philips. Ambas trazem contribuições importantes para área da pesquisa em História Antiga e refletem a riqueza e diversidade de interpretações, fontes e referências teórico-metodológicas cada vez mais presentes no campo.

Desejamos a todas, todos e todes uma boa leitura e fazemos votos de que este volume instigue o leitor a esperar pelo próximo!

Os editores,
Ana Paula Scarpa Pinto de Carvalho
Pedro Luís de Toledo Piza

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Guarinello, N. L. (2003). Uma Morfologia da História: as Formas da História Antiga. *Politeia: História e Sociedade*. Vitória da Conquista - ES, Vol. 3, n. 1, 41-61.
- Droogan, J. (2013). *Religion, Material Culture and Archaeology* (1ª ed.). Londres; Nova Deli; Nova York; Sydney: Bloomsbury.
- Raja, R. & Rüpke, J. (2015) Archaeology of Religion, Material Religion, and the Ancient World. In Rubina Raja & Jörge Rüpke (Eds.). *Archaeology of Religion in the Ancient Wolrd* (1ª ed.). Malden; Oxford.